

O FUTEBOL DE DOMINGO:
A PRÁTICA DO ESPORTE EM
UNIÃO DO OESTE E IRATI –
SANTA CATARINA, ENTRE AS
DÉCADAS DE 1960 A 1980

SAMIRA MORETTO
Universidade Federal da Fronteira Sul
samira.moretto@uffs.edu.br

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO
Universidade Federal da Fronteira Sul
claudia.risso@outlook.com

RESUMO

A colonização iniciada no Oeste de Santa Catarina no século XX contribuiu para a organização da sociedade e, posteriormente, para sua permanência em determinadas regiões. Cada grupo social que ali se alocou passou a formar comunidades que abrigavam redes de relações, as quais iam desde a divisão de tarefas cotidianas até organizações mais complexas que envolviam vários atores. Dessas atribuições cotidianas, surgiram também as práticas de atividades de lazer, em especial o futebol - que se tornou facilitador frente às dificuldades e desafios cotidianos encontrados. O objetivo deste artigo é analisar as práticas do futebol nos atuais municípios de União do Oeste e Irati – no oeste de Santa Catarina, entre as décadas de 1960 a 1980. Para atingir esse objetivo, foram analisadas, através do viés da História social, as seguintes fontes: entrevistas, iconografia, periódicos regionais, entre outros. Pode-se perceber que nessas comunidades formadas por migrantes e imigrantes de origem europeia, o futebol era considerado a prática de lazer coletiva e narrada pelos moradores como atividade que vinha para contribuir nas organizações e na manutenção das práticas cotidianas dos grupos que habitam o Oeste de Santa Catarina.

Palavras-chave: Futebol; Oeste de Santa Catarina; Lazer; Colonização.

Recebido em 27 de setembro de 2020.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2021.

THE SOCCER ON SUNDAY: THE
PRACTICE OF SPORT IN UNIÃO
DO OESTE AND IRATI –
SANTA CATARINA, BETWEEN
THE 1960S AND 1980S

SAMIRA MORETTO
Universidade Federal da Fronteira Sul
samira.moretto@uffs.edu.br

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO
Universidade Federal da Fronteira Sul
claudia.risso@outlook.com

ABSTRACT

The colonization initiated in the west of Santa Catarina, in the 20th century, contributed to the organization of society and, subsequently, for its permanencies in certain regions. Each social group that allocated there began to form communities, which joined to network relations, which showed itself as division of daily tasks and the most complex organizations involving several actors. From these daily attributions also came the practices of leisure activities, especially soccer- which became a facilitator facing the difficulties and daily challenges found. This article aims to analyze soccer practices currently in União do Oeste and Irati- in the west of Santa Catarina, between the 1960s and 1980s. To achieve this goal, it was analyzed through the bias of Social history, the following sources: interviews, iconography, regional journals and so on. It can be realized that in these communities formed by migrants and immigrants of European origin, soccer was considered the practice of collective leisure and narrated by the residents as an activity that came to contribute to the organizations and the preservation of the daily practices of the groups that live in the west of Santa Catarina.

Keywords: Soccer; West of Santa Catarina; Leisure; Colonization.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as práticas do futebol nas comunidades residentes nos atuais municípios de União do Oeste e Irati – no oeste de Santa Catarina – entre as décadas de 1960 a 1980¹. As questões que nortearam este trabalho foram as seguintes: de que forma/maneira as famílias de colonos e seus descendentes se organizaram para a prática do lazer no Oeste de Santa Catarina (SC)? Como o futebol se tornou atividade de destaque nas práticas de lazer nesses municípios e afetou outras práticas sociais das comunidades envolvidas?

O futebol adquiriu ao longo do século XX um significado agregado a outras manifestações culturais no país, como: musicalidade, culinária, literatura, religiosidade entre outros. Assim, o:

processo de associação do futebol a uma ideia de “brasilidade” se iniciou a partir da popularização dos maiores clubes, bem como pela institucionalização de disputas entre selecionados nacionais, a realização das Copas do Mundo a partir de 1930 permitiram que, a cada quatro anos, se vislumbrasse uma disputa onde as mais diversas nacionalidades estariam sintetizadas nas cores ostentadas em camisas e bandeiras. (FRAGA, 2014, p. 19-20).

O historiador Gerson Fraga, em seu livro *Uma triste história de futebol no Brasil*, traz questões discorridas por Benedict Anderson sobre o fato de uma comunidade ou grupo, muitas vezes se formar por pessoas que não possuem pleno conhecimento a respeito de quem são os outros participantes do mesmo grupo. Porém, muitas vezes, adotam um conjunto semelhante de ícones com o qual se identificam e estabelecem relações de cunho pessoal. Fraga questiona “porque as seleções nacionais de futebol (assim como de outros esportes, dependendo do local) são pródigas em ocupar tal espaço?” (FRAGA, 2014, p. 188). O pesquisador conclui que as nacionalidades e os nacionalismos são, antes de tudo, artefatos culturais de um tipo peculiar, dotados de historicidade e que se legitimam através do apelo emocional coletivo que despertam. Assim, o futebol alia questões além da prática de esportes, como também está presente na formação de elementos de nacionalidades e de nacionalismos.

Desta forma, o futebol ganhou popularidade em grandes centros e, também, em locais onde os desenhos da nacionalização foram traçados de formas distintas. Para entender como o futebol ganhou representatividade entre os migrantes e imigrantes - descendentes de europeus ocuparam o Oeste de Santa Catarina - é necessário retroceder ao início do século XX para entender esse processo de ocupação da região.

O governo do Estado concedeu terras devolutas a algumas companhias colonizadoras as quais ficaram encarregadas por dividir os lotes para serem vendidos aos colonos. O interesse do Estado era incentivar a vinda de migrantes como forma de garantir a legitimidade de posse da região que havia sido disputada anteriormente tanto pela Argentina, quanto pelo estado do Paraná. Os migrantes que colonizaram a região correspondiam a descendentes italianos e alemães, que em sua maioria, saíram do estado vizinho do Rio Grande do Sul por falta de terras agriculturáveis. Assim, foram fundados os municípios de União do Oeste e Irati – na região Oeste do estado de Santa Catarina.

A região havia sido palco de disputas internacionais entre Brasil e Argentina, e posteriormente, foi agente motriz na Guerra do Contestado (1912-1916). Tais disputas foram intensas e tiveram consequências efetivas na formação e na constituição social, política

e administrativa da região oeste catarinense. Essas disputas explicam a presença dos caboclos e indígenas que habitavam essas terras antes da vinda dos colonos. Segundo Valentini (2015), diversos fatores podem ser relacionados à ocupação da região contestada, referindo-se à estrada de ferro e às serrarias instaladas no local, o que acarretou em “profundas mudanças sociais, culturais e principalmente econômicas” (VALENTINI, 2015, p. 236).

Assim, a ocupação dessa região está ligada aos hábitos e ao cotidiano dos moradores que se estabeleceram naquele local e aos grupos que ali estavam, antes da vinda dos migrantes e imigrantes. Dessa forma, é possível entender a importância do futebol na relação entre moradores locais. Sendo necessário, também para essa compreensão, descrever e analisar as estruturas familiares e o processo migratório.

AS ESTRUTURAS FAMILIARES E OS MIGRANTES EM UNIÃO DO OESTE E IRATI

O Oeste catarinense, antes da chegada dos grupos de migrantes e imigrantes, era habitado por indígenas e caboclos. À medida que os teutos e ítalos avançavam nas terras do Oeste, os caboclos, quando não eram integrados no mercado de trabalho, eram expulsos e empurrados para fora da fronteira econômica do local (NODARI, 2009, p. 60). A região, mesmo com a presença dos caboclos e indígenas, foi identificada como sem habitantes, por esses grupos não terem a posse legal da terra. Nesse período, era reproduzido nas falas dos governantes do Brasil e do Oeste de Santa Catarina, o discurso em torno da necessidade de acionar:

os mais corajosos para a tarefa de efetivar tal projeto de ocupação dessas áreas que eram vistas como desertas. Nelas os colonos brancos, descendentes de italianos, alemães e poloneses, na maioria das vezes, apareciam como “ideais” para tal finalidade. (RADIN, 2009, p. 162).

Imbuídos por esses ideais, houve um incentivo governamental para que sucedesse o agenciamento de companhias colonizadoras, acarretando no aumento de grupos de migrantes para a região Oeste, entre os anos de 1920 e 1960. Em sua grande maioria, famílias e indivíduos de diferentes etnias saíram do Rio Grande do Sul em direção ao Oeste catarinense. Essas pessoas, por consequência de sua organização e manutenção cultural do lugar de origem, fizeram com que, na prática, o Oeste de Santa Catarina relembresse uma parte do ex-Estado. Gertz (2011) afirma que:

populações descendentes desse processo deram origem a migrações internas e à colonização de novas áreas, muitas vezes, sem que daí resultasse uma configuração social, política, cultural, religiosa totalmente diferente daquela que a originou (GERTZ, 2011, p. 243).

As práticas de ocupação e reintegração cultural que também ocorreram em União do Oeste e Irati, mesmo a colonização sendo um pouco mais tardia, foram comparadas a outros locais da região Oeste do Estado. Os primeiros anos de colonização incidiam na organização familiar e na organização das atividades econômicas e domésticas. As famílias buscavam realizar atividades que englobassem os diferentes membros do núcleo familiar, assim como buscar alternativas para melhorar a convivência com os moradores que estavam inseridos nesse espaço e com os migrantes recém-chegados.

A comunidade de Irati permaneceu por aproximadamente três décadas como integrante

à cidade de Quilombo, sendo somente no início da década de 1990 “elevado à categoria de município com a denominação de Irati, pela Lei Estadual n.º 8.529, de 09/01-1992, desmembrado de Quilombo” (IBGE, 2016). É lícito ressaltar que com a criação do município, seu nome Irati foi designado como o atual nome da cidade, no lugar de Barra Grande. Em consonância com a lei citada acima, o site da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC, na lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992 afirma que com o “Art. 1º Fica criado o Município de Irati, desmembrado do Município, de Quilombo, constituído pela área territorial do Distrito do mesmo nome”².

A principal atividade econômica presente nesses municípios era a agricultura voltada para subsistência e o mercado local. Essas práticas propiciavam as diversas interações sociais e culturais. Sendo assim, é possível analisar também as interações entre etnias de diferentes grupos que habitam os dois municípios. Considerando que os grupos aprendam a conviver com o diferente e incorporam outras expressões culturais, “a etnicidade está sendo (re) inventada, continuamente, em reação às realidades que se apresentam e se modificam tanto dentro do próprio grupo como na sociedade anfitriã.” (NODARI, 2009, p. 109). O mesmo ocorreu com os moradores dos municípios União do Oeste e Irati/SC, surgindo novas formas de convivência, reinventadas pelas necessidades e renegociações. Importante demarcar que além das negociações, havia conflitos, porém, aqui dar-se-á ênfase as (re)negociações.

Além das atividades comunitárias, havia uma necessidade de estruturação dentro dos núcleos familiares. Ter uma família, seja de pais e filhos, seja de irmãos, tios e parentes próximos era necessário para que o trabalho no seu amplo sentido se tornasse eficiente e produtivo. Isso porque um indivíduo somente pouco realizava, em meio a tantas tarefas a serem executadas nesta região onde o ambiente natural de floresta e mata fechada prevalecia em sua existência. Possuir uma família numerosa era normal e de extensa valia para que todos contribuíssem para estabelecerem-se na nova morada, uma vez que “nos primeiros anos estabelecidos nas colônias, seja por ocasião da imigração ou das migrações posteriores, o trabalho familiar é apresentado como redobrado.” (RENK, 2006, p. 86). Por uma questão de necessidade, todos se sujeitavam às tarefas diárias da família.

Nessa esfera de possibilidades e desafios, o elemento cultural identifica e define as ações realizadas pelos migrantes e colonos. Algumas características de organização eram comuns a esses grupos migrantes, podendo ser demarcadas como sociedades paternalistas, principalmente no que diz respeito às relações sociais do trabalho, conforme o modelo familiar “o patrão é o pai, os operários são os filhos” (CORRÊA, 2011, p. 89). Segundo o que afirma Sevcenko (1998):

As condições específicas dos imigrantes levaram sua vida privada, na dimensão familiar, a ter uma carga emotiva e funcional muito forte. A família não só era o ponto de apoio básico e muitas vezes único na terra de recepção, como ainda representava um extenso elo, abrangendo os que emigravam e os que ficaram na terra de origem. (SEVCENKO, 1998, p. 34)

Além da sua própria família, a presença de outros colonos migrantes, caboclos e indígenas, também atribuía sentido em continuar com os afazeres na região. A vida em sociedade acabava por facilitar a permanência no novo ambiente. Assim, diversas culturas

2 SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Legislação Estadual. (lei nº 8.528/1992).

com suas mais variadas formas de vida, de socialização e interação com o meio e com outras pessoas se estabeleceram e definiram suas características enquanto grupos sociais em adaptação e transformação.

As famílias estabelecidas nas terras catarinenses elaboraram estratégias de trabalho, de lugar para instalar a moradia, espaço para criar animais, para plantar e ainda encontraram meios de se divertirem, considerando o espaço natural em que estavam inseridos. Desta forma, as fronteiras étnicas, de acordo com os momentos históricos, mantinham-se, apagavam-se, reforçavam-se ou mesmo desapareciam. Devido a isso, “novas identidades foram criadas e as existentes exigiam uma renegociação contínua, fazendo com que outras redefinições sobre o que é ser brasileiro surgissem” (NODARI, 2009, p. 106). Nesse contexto, também as práticas do futebol torneavam as práticas e relações entre os grupos da região.

O LAZER EM SUAS ESFERAS

De acordo com Gomes (2003) “o lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido” (GOMES, 2003, p. 79). É importante considerar que tanto os grupos ítalos e teutos, quanto indígenas e caboclos traziam consigo costumes e tradições passados de uma geração a outra. Para leitura das dimensões culturais, alguns bens tornam-se patrimônios, outros permanecem apenas na lembrança, concretizando os valores de cada grupo social. Os pertences de ontem já não atendem à demanda de hoje; e o que fica, acaba apenas por manifestar práticas de uma existência. Algumas fontes contribuem para tais percepções, como as fotografias. Burke (2004) afirma, em relação às imagens, que:

Em outras palavras, os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos. [...] Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos [...] (Burke 2004, p. 233).

Dessa maneira, as fontes utilizadas estão associadas umas às outras. As fontes orais, escritas, fotográficas colaboram mutuamente para a ocorrência de sua inter-relação no estudo e entendimento deste artigo. Foi necessário relacionar as fontes, os fatos, as circunstâncias de vida, o ambiente, as relações pessoais, os sentimentos e o que diz respeito aos sujeitos envolvidos. É necessário também pensar num conjunto de informações interligadas entre si. História se faz, ou melhor, se constitui em uma contínua e determinante conexão. Ao evidenciar os bens materiais e tudo o que faz parte desta relação de migração, colonização, imagem, cultura e história, salienta-se o valor das etnias italianas, teutos brasileiras, caboclas e indígenas presentes na região.

Pessoas com seus mais diversos desejos e sonhos integram o desenvolvimento da região a partir de suas ações e atividades desempenhadas para garantir as suas necessidades. O trabalho, as relações familiares, as amizades, o lazer e até mesmo as dificuldades enfrentadas acabam por transformar a região colonizada e colonizadora desses sujeitos. Segundo Mascarenhas (2005):

[...] as manifestações de lazer e divertimento, bem como o arranjo espacial decorrente des-

sas práticas, permitem a formação de redes de sociabilidade que orientam a produção de determinadas territorialidades [...] (MASCARENHAS, 2005, p. 29).

As características próprias de cada cultura não podem ser rejeitadas. Todos, independentemente do que fizeram, de quanto tempo permaneceram no local, fazem parte do que hoje serve de investigação. O lazer, como objeto principal, vai além daquilo que é específico de cada cultura, contempla o que não se apaga facilmente, gera emoção e pertencimento.

O FUTEBOL COMO LAZER, ESPORTE E INTERAÇÃO

Considerando o todo do que foi abordado até o momento, pode-se perceber a intensa relação dos indivíduos que faziam parte do ambiente que estava se formando na região de União do Oeste e Irati/SC. As práticas de esportes, dos anos 1960 a 1980, podem ser consideradas como mais um fator a agregar nas relações econômicas, culturais e sociais provenientes da interação entre os migrantes, indígenas e caboclos. Foram diversas as influências que definiram a estrutura das comunidades que se constituíram entre aqueles indivíduos, tendo o futebol como foco. Segundo Fraga (2014), o futebol se caracteriza como um instrumento de afirmação de identidades, capaz de ser confundido e se confundir com a própria nação e seu povo.

De acordo o que enfatiza Gomes (2003), “o lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido” (GOMES, 2003, p. 79). Portanto, é válido considerar que índios, teutos, indígenas e caboclos da região possuíam sua cultura com valores e práticas já desenvolvidas e estruturadas, servindo de base para o que realizavam no seu dia a dia. O lazer, em especial a prática do futebol - esteve vinculado a essas ações, conforme os seus costumes e tradições passados de uma geração para outra.

Em meio a tantas atividades desenvolvidas, havia um espaço para a ocorrência de diversões e formas de descontrair. O esporte poderia acontecer a qualquer instante, sem planejamento, com os recursos que detinham no momento, partindo de desafios, pequenas brigas, enfim, em aspectos naturais. Era nas atividades do cotidiano em que a grande parte do divertimento acontecia e “era mais divertido que agora”³, no relato de Carlos Da Silva, na época, morador de Linha Barrinhas/Jardinópolis, hoje residente de Irati/SC.

Porém, a prática que ganhava destaque e aparecia em todos os relatos dos entrevistados era o futebol, com jogos realizados entre times de comunidades diferentes. Com uma organização dos próprios colonos, esse divertimento era fortemente presente e exigia muita dedicação dos integrantes dos times, com o comprometimento em participar das competições e também das famílias que acompanhavam o jogador.

Cabe mencionar aqui que os jogos de futebol na época estudada eram, muitas vezes, competições amadoras. Os times deslocavam-se para outras comunidades para disputar a partida de futebol acompanhados por suas torcidas e por familiares, como pode ser observado na imagem 01.

³ Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati/SC. Entrevistador(a): Claudia Valmorbidia Risso.

IMAGEM 01 – TORCIDA PARA O JOGO DE FUTEBOL – 1987 SUL BRASIL.⁴



Fonte: Acervo pessoal família da Valmorbida.

Carlos da Silva, morador e jogador de Jardinópolis, relata que a maioria se deslocava de “caminhão só de soalho e nois (*sic*) ia em cima, não sei como ninguém caia (*sic*) aquela época.”⁵ Já Terezinha M. Novello afirma existir outro meio de locomoção: “No começo era o trator e o carretão depois, [...] não tinha alguém com caminhão que nem tinha ali pra baixo, ninguém tinha caminhão. Juntava o time e as guria (*sic*) que iam pra fazer torcida e só. E o pai que nem, que ia levar com o trator.”⁶

Os campeonatos analisados através do relato de Carlos Da Silva aconteciam em toda região, pois os times se deslocavam para “Sul Brasil, Modelo, nós ia (*sic*) no Samambaia [...] dai nós ia (*sic*) na Linha Uru.”⁷ Tanto homens, quanto mulheres jovens integravam a torcida, que também acompanhava os times visitantes (CATALAN *et al.*, 2017, p. 523).

Os times eram formados por diferentes grupos étnicos. O futebol, segundo os entrevistados, era a diversão de maior entusiasmo pelos participantes das quatro linhas. Mesmo sendo jogadores amadores, muitos deles possuíam uma carteirinha que comprovava o pertencimento a determinado time de futebol, como podemos observar nas imagens 02 e 03.

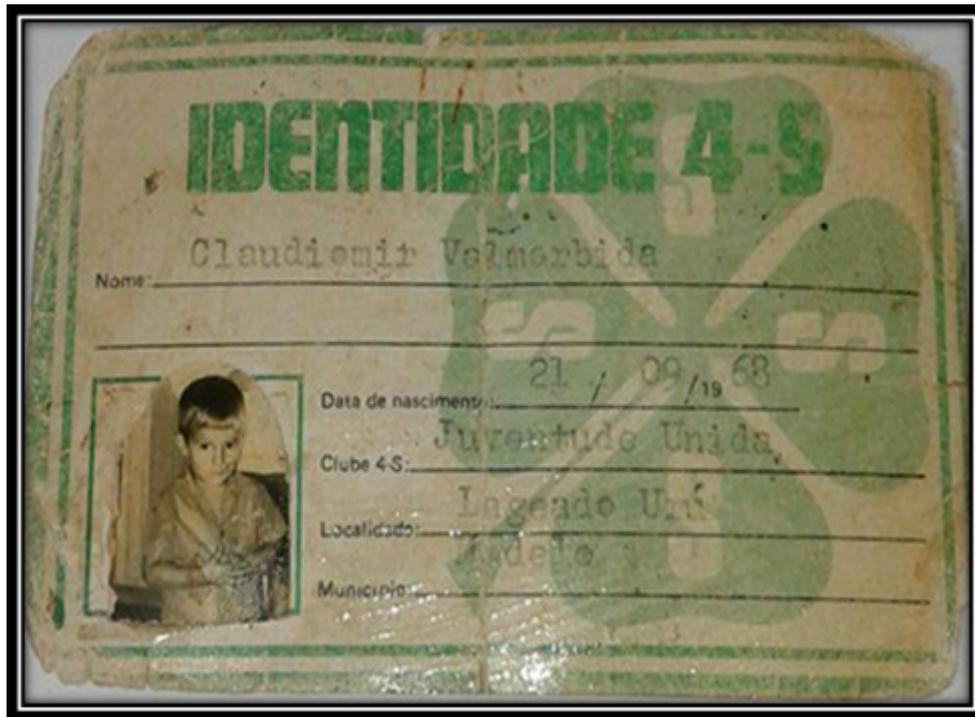
4 Familiares e amigos na torcida pelo time de futebol aos fundos da fotografia, na época pertencente ainda a Modelo/ SC.

5 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

6 Teresinha Maria Movello, 54 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

7 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

IMAGEM 02 - CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PERTENCIMENTO A UM TIME DE FUTEBOL - COMUNIDADE PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE SUL BRASIL.



Acervo pessoal: Claudiomir Valmorbidia

IMAGEM 03 - CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PERTENCIMENTO A UM TIME DE FUTEBOL⁸



Acervo pessoal: Carlos da Silva

Pelo fato de o futebol ser um esporte muito difundido na região, no período estudado,

⁸ O jogador era residente da comunidade de Linha Barrinhas do município de Jardinópolis, mas era jogador do município de Modelo.

havia muitos times, como pode ser observado na tabela 01. Além dos times da sede dos municípios de Irati e União da Vitória, havia times do interior que participavam dos campeonatos, gerando, assim, maior competitividade e disputa.

TABELA 01 - TIMES MAIS ATUANTES DA REGIÃO DE IRATI E UNIÃO DO OESTE NAS DÉCADAS DE 1960 A 1980

Nome do time	Localidade que representava
Esporte Clube Santos	Irati/Sede
Esporte Clube Industrial	Irati/Sede
Esporte Clube Cruzeiro	Linha Flor/Irati
Esporte Clube Grêmio	Linha Conceição/Irati
Esporte Clube Internacional	Linha Sete de Setembro/Irati
Esporte Clube Fluminense	Linha Barra Escondida/Irati
Esporte Clube Portuguesa	União do Oeste/Sede
Esporte Clube Grêmio	Linha Bonita/União do Oeste
Esporte Clube Santos	Linha Alto Santa Teresinha/União do Oeste
Esporte Clube Rural Flamengo	Linha Santo Antônio do Meio/União do Oeste
Esporte Clube Internacional	Linha Quatro Konder (hoje Linha Adolfo Konder)/ União do Oeste

Fonte: RISSO, 2018.⁹

Segundo os quatro entrevistados (SILVA; FILIPI; RISSO; MOVELLO)¹⁰, os campeonatos aconteciam nos finais de semana e duravam até três meses. Havia uma média de 12 a 15 times inscritos no campeonato. Então, faziam-se grupos de disputa em que os clubes com maior número de vitórias permaneciam. Nas eliminatórias dos campeonatos, eram realizados cruzamentos de jogos entre os quatro melhores times, para definir os finalistas do campeonato que eram dois times. Esses dois clubes jogavam no campo do time que se classificava para a final. O vencedor ficava com o primeiro lugar, considerado o campeão do torneio. Muitas vezes, não havia premiação, somente o prestígio para o time/clube e o lugar que este representava. Às vezes, havia premiação para os times que ganhavam o primeiro lugar como: uma taça, medalhas, um terneiro (um boi de porte menor, ainda pequeno) ou até mesmo prêmio em dinheiro. Também aconteciam torneios de curta duração, que iniciavam e terminavam no mesmo final de semana. Geralmente havia classificação até o terceiro lugar, tanto nos torneios, quanto nos campeonatos, que se estendiam por mais tempo. Cada comunidade indicava também alguém para ser juiz – que não apitava o jogo do próprio time.

As partidas de futebol propiciavam relações e diversão, não apenas para os jogadores. A moradora da região, dona Filipi (2018), relata que o deslocamento para assistir aos jogos acontecia inclusive “de cavalo, a pé. Tinha torcida, saía (*sic*) briga também muitas vezes”¹¹.

9 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

10 Síntese das informações contidas nas entrevistas de: Carlos Da Silva, 65 anos. Entrevista, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; Gema Santa Catarina Filipi, 71 anos, Entrevista 09 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; Teresinha Maria Movello, 54 anos. Entrevista, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso; e Wolmyr José Risso, 60 anos. Entrevista, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

11 Gema Santa Catarina Filipi, 71 anos, 09 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso

A expectativa por um jogo ou competição, muito frequente nas comunidades e entre elas, permanecia nos ares antes e depois das partidas. A colonização implantada na região trouxe várias consequências no âmbito cultural seguidas de incorporação de outros costumes e socializações que geravam essa diversão coletiva. Segundo o que afirma Catalan *et al.* (2017), “esses times estavam longe de terem uma profissionalização, mas traziam a identidade de suas comunidades” (CATALAN, *et al.* (2017, p. 523).

Em decorrência disso, aqueles que constituíam a sociedade local possuíam uma organização para além do jogo em si. Havia uma preocupação com o fardamento do time de futebol e sua identificação enquanto clube esportivo de uma determinada região. O campo de futebol era essencial para a prática esportiva, sendo um espaço não muito estruturado para este fim, geralmente “num potreiro [...] não tinha máquina pra fazer, aproveitava o espaço que dava”¹², tendo a presença da bandeira e da bola local enfatizando a prática do futebol pelas pessoas. Conforme conta Wolmyr José Risso, nas comunidades bem como no campo de jogo, havia:

Três coisas que se preocupa muito com as comunidade (*sic*) quando foram formada [...] era a igreja, o cemitério e o campo, se não tivesse campo não era comunidade, tinha que ter o campo, aí alguém doava o terreno.[...] O primeiro campo foi feito a muque, arrancado as árvore (*sic*), os toco (*sic*), feito o campo e nunca me esqueço quando foi no ano setenta e dois a gente conseguiu uma rede da trás da trave, foi a maior alegria do mundo [...]. (RISSO, 2018)¹³

A identificação era muito importante dentro de um clube de futebol, pois apesar de toda a diversão envolvida, existia também a rivalidade entre os times. Logo, o uniforme era essencial para distinguir e marcar a identidade dos grupos esportivos. Nas imagens 04 e 05, verifica-se o conjunto que se constituía uma equipe: jogadores (de linha e de gol), treinador ou técnico, juízes, uniformes, bola e destaque também para as meias todas iguais, enfatizando ainda mais o pertencimento a um determinado time.

12 Carlos Da Silva, 65 anos. Depoimento, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

13 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

IMAGEM 04 - TIME DE FUTEBOL DE 1975, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁴



IMAGEM 05 - TIME DE FUTEBOL EM MEADOS DE 1965, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁵



Fonte: João Tessaro.¹⁶

Ademais, inseridos nesse contexto esportivo da época, a comunidade ou os locais de jogos poderiam ser rodeados de vegetação sem muitas moradias entorno, mas o espaço para o campo de jogo do futebol era sempre reservado e bem cuidado, prevalecendo a paisagem como reguladora do espaço em que estava inserido esse contexto.

14 Linha Tarumanzinho, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

15 Linha Santo Antonio do Meio, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

16 Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina: Linha Santo Antonio do meio, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

Ainda, os jogadores faziam questão de retratar o seu time bem uniformizado dentro do campo. O gosto pelo esporte era incentivado e presente na vida das crianças, geralmente filhos ou com algum parentesco próximo de quem já era jogador. Na imagem 06, logo abaixo, há mais um exemplo da constante presença de jogadores de futebol com seu time representando uma região ou um clube.

As regiões são diferentes, mas a intenção de pertencer a essa conjuntura do esporte era frequente em todos os lugares. Cada localidade formava seu grupo e passava a compor uma das diversões na época de início da colonização da microrregião de Chapecó, envolvendo várias pessoas das comunidades, seus familiares e interessados nesse tipo de entretenimento. No relato de Wolmyr José Risso, o entrevistado afirma que “a gente fazia intercâmbio, jogava com o pessoal de Coronel Freitas, Jardinópolis, União do Oeste ou lá em Modelo, Serra Alta, depois eles vinham devolver.”¹⁷

IMAGEM 06 - TIME DE FUTEBOL NO FINAL DA DÉCADA DE 1960, COLONOS DO OESTE CATARINENSE.¹⁸



Fonte: Irene Forti.¹⁹

Nas fotografias aqui apresentadas, pode-se observar que a postura dos jogadores é composta sempre na mesma organização e há aquele que apoia a mão na bola. Podemos, ainda, diferenciar quem é jogador de linha e quem é o goleiro do time pelo fato de o uniforme ser diferente dos demais. Além disso, também há a presença de um sujeito não uniformizado, caracterizando-se como o responsável por coordenar a equipe que joga. Além disso, é relevante mencionar que essa forma de entretenimento se destinava a todas as pessoas que desejassem participar, jogando ou assistindo, ajudando na organização do time ou apenas ficando na reserva, sendo bom jogador ou intermediário. Embora houvesse dificuldades financeiras, eventualmente, até mesmo para adquirir os uniformes, além da falta de profissionalismos,

17 Wolmyr José Risso, 60 anos. Depoimento, 13 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbidia Risso

18 Município de Irati. Na época pertencente à Quilombo.

19 Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina: Irati. Na época pertencente ao Município de Quilombo.

os entrevistados relatam que o importante mesmo era pertencer a um time de futebol que representasse a comunidade ou o município. Como afirma Teixeira (2009), o esporte, nesse sentido, não se restringia a praticantes dotados de habilidades motoras, com o intuito de estabelecer uma seleção entre os esportistas e os não esportistas, passando a ser, a partir daquele momento, um elemento acessível a toda população, independentemente do estágio de capacidade física em que se encontravam os indivíduos.

Por fim, percebeu-se que o futebol se tornou fundamental para a permanência e relação entre os grupos que habitavam a região. Esse esporte - como objeto de estudo do presente artigo - ocupou espaço nas vivências sociais de diferentes grupos que se instalaram na região e encontraram nessa prática esportiva, um elo nas práticas de negociação e readaptações frente às diferenças culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reocupação dos atuais municípios de Irati e União do Oeste culminou com a vinda de migrantes com ascendência, principalmente, relacionada aos povos teutas e itálos, que passaram a se relacionar entre si e com os grupos de indígenas e caboclos que ali estavam e resistiram às ocupações. Estes enfrentaram dificuldades e necessitaram se adaptar frente às condições naturais e às diferenças culturais. Para além das práticas de trabalho, que normalmente eram desenvolvidas pelos núcleos familiares, as atividades econômicas, religiosas e as práticas de esportes serviram como uma conexão entre os grupos, para além de seu ambiente com os familiares.

Dentre as possibilidades, estava o futebol, prática muito frequente e que apresentava destaque na memória dos entrevistados. Como relatado no texto, dependia somente da vontade dos participantes para tudo acontecer, na forma de competição ou apenas por brincadeira. Em razão disso, o futebol se destacou e servia também como uma possibilidade de definir a identidade local, em relação ao regional ou às particularidades das famílias. Isto é, uma comunidade era representada por um time e fazia-se questão de terem marcas identitárias, como uniforme e as carteiras dos respectivos times.

Diante dos empecilhos e das possibilidades, a prática do futebol sobressaiu dentre os esportes desenvolvidos pelos moradores da região estudada. Mesmo estando distante dos grandes centros, com recursos limitados e sem grande infraestrutura, o esporte se consolidou e até os dias atuais é uma prática recorrente dos habitantes de Irati e de União do Oeste. Nessa região, o futebol se caracterizou como uma prática criadora de um elo em relação à identidade brasileira, para grupos descendentes de imigrantes europeus. Funcionou, também, para agregar os migrantes aos grupos ali existentes, como descendentes de indígenas e caboclos. O futebol de domingo foi além da função esportiva, traçando laços e identidades que permanecem até os dias atuais na memória e na prática social da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989. *Apud* FRAGA, W. **Uma triste história do futebol no Brasil: o Marañão- nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950.** Passo Fundo: Meritos, 2014.
- BRASIL. **Legislação Estadual.** Lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992. Disponível em: http://leis.ale.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html Acesso: 02 ago. 2017.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: imagem e história.** Bauru: EDUSC, 2004.
- CATALAN, Gesélio; CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene. Esporte em Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz;
- CORRÊA, Maurício Ghedin. **O futebol e o paternalismo de fábricas na cidade do carvão: Criciúma-SC, 1950-1970.** Criciúma-SC. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/historia/article/view/1101/0>. Acesso em 02/09/2020.
- DA SILVA, Carlos. Entrevista, 07 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- DRUMOND, Maurício. **O esporte nos estados novos de Salazar e Vargas (1933-1945): um estudo comparado.** São Paulo. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300406759_ARQUIVO_ARTIGOANPUH2011-MauricioDrumond.pdf. Acesso em 06 set. 2020.
- FILIPI, Gema Santa Catarina. Entrevista 09 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- FRAGA, W. **Uma triste história do futebol no Brasil: o Marañão- nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950.** Passo Fundo: Meritos, 2014.
- GERTZ, René. A colonização no período republicano–segunda fase. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). **Releituras do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>. Acesso em 09 out. 2017.
- GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964).** Belo Horizonte, 2003. 322 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-5NVJWV>. Acesso em 24/01/2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Irati.** Santa Catarina. Histórico. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/irati.pdf>. Acesso em 25/07/2017.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: Usos sociais e historiográficos. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2012. P.29-60.
- MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer.** São Paulo, 2005. 320 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física. 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274935/1/Mascarenhas_Fernando_D.pdf. Acesso em 24 jan. 2018.
- MOVELLO, Teresinha Maria. Entrevista, 07 fev. 2018. **Irati SC.** Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.

- NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.
- RENK, Arlene Anelia. **A luta da erva**: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Argos, 2006.
- RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos**: histórias plurais. Chapecó: Argos, 2017, p. 521 - 546.
- RISSO, Wolmyr José. Entrevista, 13 fev. 2018. **Irati SC**. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso.
- SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Legislação Estadual. (lei nº 8.528/1992). Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html. Acesso: 20 ago. 2017
- SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**, vol. 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio (organizador) . Companhia das Letras, 1998.
- TEIXEIRA, Sérgio. **O esporte para todos**: “Popularização do lazer e da recreação”. Urbelândia/MG. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/756/697>. Acesso em 08 set. 2020.
- VALENTINI, Delmir; WITTE, Gerson; CARBONERA, Mirian; SALINI, Ademir Miguel; ONGHERO, André Luiz (Orgs). **Revelando o Contestado**: as fotografias na história do centenário da guerra. Chapecó: Argos, 2015.
- WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense** – A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Argos: Chapecó. 2006.
- WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.